



FACULDADE DE ENSINO
TEOLÓGICO

ACONSELHAMENTO CRISTÃO



46° Matéria

Pr Gilmar Itália

CNPJ: 35.712.730/0001-08

INTRODUÇÃO

“Os ensinamentos do Senhor são certos e alegrem o coração. Os seus ensinamentos são claros e iluminam a nossa mente”. (Salmo 19: 8)

“A tua palavra é lâmpada para guiar os meus passos e luz para o meu caminho”. (Salmo 119:105)

“A Palavra era a fonte da vida e essa vida trouxe a luz para todas as pessoas”. (Evangelho de João 1: 4)

A boa tradição cristã, de corte Protestante, ressalta a Bíblia como uma das fontes necessárias para o desenvolvimento da Fé Cristã. Nesse sentido, a presente unidade busca evidenciar os fundamentos para a prática do aconselhamento e da capelania cristã que assinalem, por um lado, uma genuína tradição cristã e, por outro, dialogue com as necessidades de nosso tempo.

Por isso, nos voltamos para os fundamentos bíblicos e teológicos do próprio ministério cristão em que se destacaram os seguintes temas: diaconia, ministério, *poimênica* e cuidado. Nossa fundamentação teórica parte do latino Gattinoni (*apud* CASTRO, 1973) sobre “As bases do ministério pastoral no Novo Testamento” e do americano Clinebell (2000) sobre “O aconselhamento pastoral modelo centrado em libertação e crescimento no universo bíblico” dentre outros. Em ambos os autores citados, bem como nos outros, temos o objetivo maior de fundamentar biblicamente o aconselhamento e capelania cristã, como expressão mesma da ação cristã, ou seja, do próprio Cristo hoje.

Como se observou na apresentação, os estudos teológicos classicamente estão subdivididos em Teologia Bíblica, Teologia Sistemática e Teologia Prática. Esta última, a Teologia Prática, tem como objetivo fundamentar construções teóricas e práticas da ação evangélica. Nesse particular, em nossos dias, há uma significativa demanda para a Teologia Prática haja vista as necessidades do nosso tempo, as quais diferem de outros; há a necessidade de novos paradigmas, por que não dizer os quais exigem maiores, novas elaborações e ações da Teologia na sua modalidade prática.

Nesse sentido, nota-se uma demanda significativa para dois ministérios em especial da igreja hoje: aconselhamento e capelania cristã. Eles apontam para as necessidades individuais, grupais, comunitárias, familiares, conjugais, sociais

FUNDAMENTOS E TEORIAS EM ACONSELHAMENTO CRISTÃO

A compreensão tradicional de aconselhamento cristão pode ser identificada nas palavras de Cunha (2004) ao tratar sobre o tema citando Mack:

O aconselhamento para ser chamado cristão precisa possuir quatro características: 1. Ser realizado por um cristão; 2. Ser centrado em Cristo (Cristo não é um adendo ao aconselhamento, mas é a alma e o coração do aconselhamento, a solução para os problemas.

Isto contrasta com o caráter antropocêntrico das psicologias modernas); 3. Ser alicerçado na Igreja (a Igreja é meio principal pelo qual Deus trás às pessoas ao seu convívio e as conforma ao caráter de Cristo); 4. Ser centrado na Escritura Sagrada (a Bíblia ajuda a compreender os problemas das pessoas e prover solução para os mesmos)”

Contudo, tomemos em termos o conceito advogado por Clinebell (2000), que vê o aconselhamento, o qual constitui uma dimensão da *poimênica*, como a “utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, a experimentar a cura de seu quebrantamento” (p.25). Nesse sentido, o aconselhamento tem função reparadora quanto ao crescimento de uma pessoa.

É importante, inicialmente, nos localizarmos sobre qual modalidade de aconselhamento nós estamos nos referindo ou tratando aqui. Barrientos (1991) apresenta quatro tipos de aconselhamento:

1. Aconselhamento popular

É o que ocorre nos relacionamentos diários das pessoas que trocam problemas e conselhos entre si.

2. Aconselhamento comunitário

Em muitos grupos latino-americanos, especialmente os de cultura indígena, existe essa prática de aconselhamento em grupo. Se uma pessoa tem dificuldades em seu lar recorre aos líderes da tribo, então eles, em grupo, escutam e aconselham.

3. Aconselhamento pastoral

É uma prática exercida por um pastor junto a sua comunidade. Precisa de preparo e muita competência para tratar os mais diversos temas, como: problemas matrimoniais, relacionamentos entre pais e filhos, disputas entre irmãos na fé, dificuldades econômicas, dificuldades sobre a fé, falta de sentido na vida, homossexualidade, alcoolismo, vício de drogas, prostituição e problemas emocionais mais profundos.

4. Aconselhamento profissional

Esse tipo de aconselhamento é exercido por conselheiros, psicólogos e psiquiatras. Esses são profissionais que o pastor pode e deve trabalhar junto, pois há problemas mais profundas na comunidade e por isso necessitam de um cuidado maior.

Nossos estudos assinalam o aconselhamento pastoral primeiramente, bem como o profissional, com destaque para o aconselhamento psicológico. Nossa perspectiva é o diálogo. Esse diálogo está imbuído pelo respeito e consideração entre os conhecimentos da Teologia e da Psicologia.

Avançando um pouco mais, Barrientos (1991) apresenta as cinco objetivos do aconselhamento, e ainda destaca que o mesmo não está indicado somente para os momentos de crise, mas é também um meio de ajuda, com isso corroborando com a ideia acima de Clinebell (2000). Vejamos os cinco objetivos:

1. Relatar a situação que está enfrentando.
2. Obter uma visão global do problema, e não reparar apenas em detalhes.
3. Descobrir as causas.
4. Tomar decisões.
5. Amadurecer para que, em situações futuras, possa resolvê-los por si mesmo.

Mannóia (1985) também corrobora ao apresentar os seguintes objetivos:

- a. Auxiliar o indivíduo a alcançar o conhecimento e a aceitação de si mesmo.
- b. Auxiliar o indivíduo a analisar rumos de ação alternativos.
- c. Oferecer oportunidades ao indivíduo de escolher um modo de proceder que seja viável.
- d. Oferecer ao indivíduo uma situação na qual tome iniciativa e aceite se responsabilizar por ela.

Para Collins (1995), o aconselhamento tem os seguintes objetivos:

- a. Estimular o desenvolvimento da personalidade.
- b. Enfrentar mais eficazmente os problemas da vida, os conflitos íntimos e as emoções prejudiciais.
- c. Promover encorajamento e orientação para aqueles que perderam alguém querido ou que estejam sofrendo uma decepção.
- d. Assistir as pessoas cujo padrão de vida lhes cause frustração e infelicidades.
- e. Levar o indivíduo a uma relação pessoal com Jesus Cristo.

Collins (1995) ressalta, ainda, os seguintes alvos do aconselhamento:

- a. Autocompreensão – compreender a si mesmo é o primeiro passo para a cura.
- b. Comunicação – é essencial para a pessoa. Isso envolve a expressão da pessoa e a capacidade de receber mensagens corretas por parte de outras.
- c. Aprendizagem e Modificação de comportamento – desenvolver comportamentos adequados e abandonar os inadequados é essencial para o aconselhando.
- d. Autorrealização – desenvolver uma vida realizada em Cristo, na força do Espírito Santo, em que nota-se o amadurecimento espiritual do aconselhando.
- e. Apoio – o aconselhando em situações de crise pode necessitar de apoio para enfrentá-las.

Já Clinebell (2000) apresenta o seguinte quadro de áreas funcionais onde há oportunidades dentre as quais o aconselhamento se desenvolve de maneira efetiva:

FUNÇÃO POIMÊNICA	EXPRESSÕES HISTÓRICAS	EXPRESSÕES ATUAIS EM POIMÊNICA E ACONSELHAMENTO
Cura	Unção, exorcismo, santos e relíquias, curandeiros, carismáticos.	Psicoterapia pastoral, cura espiritual, aconselhamento e terapia matrimonial.

FUNÇÃO POIMÊNICA	EXPRESSIONES HISTÓRICAS	EXPRESSIONES ATUAIS EM POIMÊNICA E A CONSELHAMENTO
Sustentação	Preservar, consolar e consolidar.	Poimênica e aconselhamento de apoio, aconselhamento em casos de crise, poimênica e aconselhamento em casos de luto ou perda.
Orientação	Dar conselhos, exorcismo, escutar.	Aconselhamento educativo, tomada de decisões em curto prazo, aconselhamento de confrontação, orientação espiritual.
Reconciliação	Confissão, perdão, disciplinamento.	Aconselhamento matrimonial. Aconselhamento existencial (Reconciliação com Deus).
Nutrição	Treinamento de membros, novos na vida cristã, educação religiosa.	Aconselhamento educativo, grupos de crescimento, enriquecimento do matrimônio e da família, assistência para a possibilidade de crescimento através de crises desenvolvimentais.

Clinebell (2000) observa que o fim último do aconselhamento é o crescimento espiritual integral das pessoas. Para isso, o conselheiro deve utilizar os instrumentos que são próprios ao cristianismo, como: ■ A bíblia.

- A oração.
- A visitação.
- A meditação.
- A exortação.
- O perdão.
- A comunhão, dentre outros.

Se assim podemos nos referir, esses instrumentos têm o objetivo de potencializar esse crescimento espiritual integral à luz da ação do Espírito Santo.

Castro (1974) faz a seguinte pergunta: qual será a meta da atividade pastoral? Ele mesmo responde assim “logicamente como todo conselheiro, procura ajudar a recuperar a saúde plena da personalidade do aconselhando” (p.182). Nessa direção, Castro (1974) destaca as seguintes questões do aconselhamento:

- a) A capacidade de uma pessoa de ter o controle sobre seu próprio destino.
- b) Fazer suas próprias escolhas.
- c) Ser responsável tanto no desenvolvimento de suas ações como nos resultados das mesmas.

É fundamental ressaltar que Castro (1974) assevera que tais questões do aconselhamento, que se apresentam como objetivos que devem ser tomados dentro da seguinte perspectiva: “vão acompanhados normalmente por uma militância serviçal, uma atitude vicária em relação com o mundo, com o exemplo de Zaquel” (p. 183), ou seja, servir ao Senhor Jesus Cristo.

Schipani (2004) parte dessa mesma direção quando observa que:

[...] o aconselhamento pastoral é um ofício e uma forma especial do ministério do cuidado pastoral na Igreja. No aconselhamento pastoral, o emergir humano é promovido de maneira especial por meio de uma forma distinta de caminhar com as pessoas, casais e membros de famílias ou pequenos grupos, no momento em que enfrentam desafios e dificuldades na vida. O objetivo maior, termos simples, é que vivam sabiamente à luz do Deus (p.97).

Por isso, para Schipani (2004) aconselhamento pastoral deve ser entendido teologicamente como:

- a) Adoção da sabedoria à luz de Deus como a metáfora fundamental que reconstrói a estrutura teórica e os fundamentos teológicos do aconselhamento pastoral em solo firme.
- b) Integração das perspectivas psicológicas e teológicas à luz da sabedoria de Deus como o princípio digno para orientar, compreender e realizar um tipo de aconselhamento pastoral ao mesmo tempo plenamente aconselhador e plenamente pastoral.
- c) A luz de Deus que define a natureza e a orientação de forma do ministério cristão, de modo que prontamente reconhecemos as dimensões éticas e o contexto moral do aconselhamento.
- d) A luz de Deus que orienta os aconselhadores pastorais a caminharem com os outros na esperança de construir uma sociedade de liberdade, justiça, paz, amor e integridade e os chama, de forma singular, a se tornar em terapeutas para um mundo melhor.

Schipani (2011) observa ainda que em aconselhamento pastoral é imprescindível que se tenha claro que cada situação requer formulação de objetivos específicos, bem como, em cada situação, que se apliquem estratégias próprias. Contudo, há também de se reconhecer que há muitas ocorrências em comum que apontam para um propósito geral ou fundamental, o qual, nesse caso, é a sabedoria à luz de Deus. Portanto, o propósito mais amplo de crescer em sabedoria inclui três aspectos inseparáveis para se buscar alívio e resolução, advoga Schipani (2011):

1. Crescimento na visão

A experiência do aconselhamento pastoral tem de ser orientada para ajudar o aconselhando a encontrar novas e melhores formas de conhecer e compreender a realidade, incluindo as dimensões da sua própria pessoa, o mundo social, as ameaças do vazio e a realidade da graça do Sagrado.

2. Crescimento em virtude

A experiência do aconselhamento deve convidar o aconselhando a descobrir maneiras de ser e amar mais satisfatoriamente, com particular ênfase na sua relação com outras pessoas - especialmente amigos, familiares e colegas de trabalho - com o Espírito de Deus e consigo mesmo.

3. Crescimento em vocação

A experiência de aconselhamento pastoral procura capacitar o aconselhando a tomar boas decisões e investir energias novas em relacionamentos interpessoais, profissionais, nas horas de descanso, lazer, alimentação espiritual, serviço, e encontrar formas de apoiar essas decisões com integridade. É fundamental encontrar uma orientação para a vida que seja mais livre e esperançosa, em meio à situação social que vivemos.

Portanto, Schipani (2011) entende que o propósito geral do aconselhamento pastoral é ajudar o aconselhando a descobrir como viver uma vida mais íntegra, moral e plena.

Brister (1980), ao tratar da natureza do aconselhamento pastoral, observa que há muitos problemas, dos mais diversos possíveis, entre as pessoas hoje. Tal realidade assinala a necessidade de um melhor preparo por parte de pastores e pastoras, bem como liderança religiosa como um todo, incluindo entendimento técnico e busca por resultados efetivos. Deve-se reconhecer que o aconselhamento pastoral não é uma atividade nova, por mais que tenha ganhado visibilidade atualmente, como nos cursos de formação teológica e na própria comunidade cristã, ele é muito antigo.

Em seu estudo pela compreensão da natureza do aconselhamento pastoral, Brister (1980) destaca os seguintes elementos:

- a) O aconselhamento pastoral pressupõe um diálogo entre Deus e o ser humano, na perspectiva da Fé Cristã. Seja em que situação for, Deus sempre se fará presente nessa relação (Mt. 18:20), por isso em certo sentido, do ponto de vista teológico, a experiência do aconselhamento deve ser compreendida como uma oração, uma conversa com Deus na presença de outra pessoa. Que responsabilidade nossa, você não acha?
- b) O aconselhamento pastoral tem como contexto o ambiente cristão e recursos ou fontes únicas. Ou seja, sempre está relacionado à igreja e ao contexto tipicamente comunitário. Como, por exemplo, na visão dos membros da comunidade um conselheiro pastor é um guia espiritual. Ele pode até não usar desse poder, mas tal realidade é difícil de desvencilhar. Por isso, cabe ao conselheiro possibilitar ajuda

adequada à pessoa, oportunizando para que ela tenha um melhor entendimento da sua situação e das condições proporcionadas por essa relação de ajuda.

- c) O aconselhamento pastoral é distinto das outras modalidades de aconselhamento profissional, por exemplo, pois ele é um processo de conversação entre um pastor responsável e um indivíduo preocupado ou grupo íntimo, com a intenção de permitir que tais indivíduos resolvam as suas preocupações, e assim, possam atingir uma ação construtiva. Nesse sentido, é fundamental a criação de vínculos antes mesmo de qualquer utilização de técnica.

PROPOSTAS, TÉCNICAS E COMPORTAMENTOS EM ACONSELHAMENTO CRISTÃO

Quando se pensa na atuação do conselheiro cristão, necessariamente se deve considerar propostas, técnicas e atitudes em aconselhamento. A seguir, estaremos expondo algumas delas, as quais não são inéditas, mas procuramos identificar de maneira básica e fundamental quais devem ser os procedimentos e ações do conselheiro no contexto pastoral.

Veremos ainda que essas propostas, técnicas e atitudes, guardadas as devidas proporções, servem também de base para o trabalho da capelania e suas mais diversas atividades, em especial, quando o capelão atuar na condição de conselheiro.

É importante observar que há muitos escritos sobre o assunto, especificamente com teorias e métodos devidamente elaborados. Há também diversos textos sobre o aconselhamento cristão e o aconselhamento psicológico, que observam seus vínculos, contribuições, limites e críticas, como: Mannóia (1985), Casera (1985), Collins (1995), Barrientos (1991), Szentmartoni (1999), Clinebell (2000), Schipani (2004), Sathler-Rosa (2004) e Pereira (2007).

Há certo consenso na literatura acadêmica pesquisada por Szentmartoni (1999), Collins (1995), Barrientos (1991), Casera (1985), Clinebell (2000), Pereira (2007) dentre outros, que ao tratarem do tema do aconselhamento cristão observam, de uma maneira ou de outra, as ideias de Carl Rogers, método não diretivo, principalmente aqueles relacionados à prática do aconselhamento. Por isso, nessa direção, uma proposta de aconselhamento passa necessariamente pelo estabelecimento de vínculos entre o conselheiro e o aconselhando, sem os quais é impossível um bom desenvolvimento do aconselhamento. Mannóia (1985) coloca como premissa do aconselhamento cristão as relações pessoais e a centralidade da pessoa no aconselhamento.

Da mesma forma, Szentmartoni (1999) também o faz, contudo ressalta ainda as marcas da natureza do aconselhamento cristão, de onde se pode inferir:

- a) Está contextualizada na missão e na evangelização da Igreja.
- b) Na ajuda, desempenha um trabalho bíblico-teológico do anúncio cristão.
- c) É uma atividade religiosa (conselheiro e aconselhando) onde deve ser observada a pessoa e seu relacionamento com Deus.

d) Observa os limites da atuação e da atividade do aconselhamento cristão e suas interfaces com outras atividades de aconselhamento.

É imprescindível que o conselheiro tenha atitudes de empatia, autenticidade e não seja possessivo, segundo Szentmartoni (1999). Tais atitudes são consideradas, na literatura especializada, como sendo o ponto fundamental para o sucesso de todo bom aconselhamento que tem um propósito de ajuda genuína.

Barrientos (1991) lista os seguintes aspectos que o conselheiro deve dar atenção durante a entrevista de aconselhamento:

- Proporcionar clima de confiança.
- Fazer com que a pessoa se sinta ao nível do conselheiro. Para isto é melhor usar duas cadeiras ou poltronas, ou uma de frente para a outra em uma mesa.
- Em mente e transmitir à pessoa que é possível enfrentar a situação e até resolvê-la.
- Escutar com muita atenção. Há pessoas que se sentem aliviadas de sua carga pelo simples fato de que alguém as escuta com interesse e amor.
- Ir captando, entre os detalhes do relato, os possíveis assuntos ventrais relacionados.
- Não dar opiniões negativas como: “que mau...” “que horror...”.
- Não interromper o relato, a não ser que seja para fazer alguma pergunta esclarecedora ou que falte para completar o quadro.
- Discernir em silêncio aspectos que a pessoa poderia encobrir e que correspondem a seu modo de ver o assunto.
- Ao final do relato, ajudar a pessoa a ver o problema como um todo, sem reparar em detalhes, a menos que seja necessário.
- Levá-la a reconhecer os fatores centrais que entram em jogo.
- Ajudá-la a encontrar as causas. Aqui é necessário dar oportunidade para que a pessoa opine e que ambos dialoguem até que concordem.
- Ajudar a pessoa a fazer um plano ou propor-lhe um alvo realista que tentará alcançar nos dias seguintes.
- Quando necessário, levar a pessoa a colocar seu problema diante do Senhor em oração, pedir libertação e dar graças por ela.
- Caso a pessoa não saiba orar, fazer a oração com a pessoa.
- Por fim, fazer uma seleção de textos bíblicos e indicar para a pessoa ler e meditar sobre eles e relacioná-los aos seus problemas.

Szentmartoni (1999) apresenta as seguintes técnicas de intervenção no aconselhamento, levando em consideração o princípio da não diretividade:

- a) **A reformulação** – é quando o conselheiro se expressa claramente, verbal ou não verbalmente ao aconselhando. As principais formas são: a reiteração, a resposta-eco, as expressões equivalentes e a recapitulação.

b) O reflexo do sentimento – com o objetivo de criar um ambiente de emoção genuína, onde possa haver o contato sincero da pessoa com sua afetividade. Os principais sinais são: pausas, choro, contradições entre expressões verbais e não verbais etc.

c) A reestruturação do campo – intervenção com a finalidade de fazer reestruturações do campo perceptivo da pessoa, referente a sua pessoa (ego) ou a imagem de si. A partir dos conceitos da Gestalt, as intervenções devem ser: ressaltar a “figura” (tema explícito) como é percebida pela pessoa, esclarecer uma posição entre os vários conteúdos expostos, poder ampliar o significado do que foi dito ou mudar a ordem de importância dos elementos pela pessoa.

Por fim, Szentmartoni (1999) observa que o conselheiro tem de ter os devidos cuidados em sua atividade. Deve evitar colocações ou expressões que não contribuem para o objetivo principal do aconselhamento, que segundo Mannóia (1985), “é o de facilitar o crescimento da personalidade ao máximo nível de maturidade” (p.103). São observações que o conselheiro passa ao aconselhando como sendo as suas conclusões, de forma moralista e sem observar as manifestações do seu aconselhando. Segundo Szentmartoni (1999), isso denota falta de confiança nos recursos do outro por parte do conselheiro e impede que o objetivo maior do aconselhamento seja atingido.

Para desenvolver uma relação adequada no aconselhamento, Clinebell (1976), em um texto denominado “Os elementos comuns a todo aconselhamento”, trata de dois itens fundamentais e necessários para o exercício desse, o qual pode ser exercido no contexto do gabinete pastoral ou de um leito, no hospital: o desenvolvimento de uma relação terapêutica e a facilitação da comunicação do aconselhando.

Outro exemplo de procedimento vem de Collins (1995) em seu texto clássico, o livro: “O aconselhamento Cristão”. Nessa obra, o referido autor apresenta as técnicas de aconselhamento, que considera como sendo as mais básicas em uma situação de ajuda; antes de apresentá-las, porém, ele faz a seguinte ressalva: essa relação de aconselhamento não é necessariamente de ajuda, mas de uma relação de ajuda que deve ser desenvolvida em um formato profissional.

Vejamos as técnicas:

1. Atenção – O conselheiro deve tentar conceder atenção integral ao aconselhando:

- Contatos visual.
- Postura relaxada, não tensa e interessada.
- Gestos naturais.

2. Ouvir – Isso significa muito mais do que uma recepção passiva da mensagem. Ouvir envolve:

- Percepção suficiente.

- Evitar expressões verbais e não verbais dissimuladas de desprezo ou juízo antecipadas.
- Aguardar pacientemente o funcionamento do aconselhando.
- Ouvir não somente o que o aconselhando diz, mas as suas reais necessidades.
- Estar atento à fala e ao comportamento.
- Analisar as reações do aconselhando diante das suas intervenções.
- Sentar-se imóvel.
- Limitar o número de execuções mentais às próprias fantasias.
- Não julgar antecipadamente por meio da manifestação de sentimentos em relação ao aconselhando.
- Praticar a aceitação da pessoa do aconselhando.

3. Responder – o bom conselheiro é um bom ouvinte, mas também é de sua competência agir e responder especificamente ao aconselhando.

Por isso, compete ao conselheiro em suas respostas ao aconselhando:

- Orientar ou liderar dialogicamente.
- Refletir conjuntamente de maneira presente.
- Perguntar com o objetivo único de buscar informações úteis.
- Confrontar ideias ou comportamentos que não sejam percebidos.
- Informar de maneira abrangente fatos relevantes.
- Interpretar comportamentos e eventos.
- Apoiar e encorajar sempre.

4. Ensinar – todas essas técnicas acima são verdadeiras formas especializadas de educação psicológica. Nesse contexto:

- O conselheiro é um educador.
- O aconselhando é aprendiz.
- O aconselhamento é um espaço para a discussão.
- O aconselhamento é um espaço para uma relação sincera e honesta.

Diante dessas propostas com suas respectivas técnicas, é importante que o conselheiro desenvolva a capacidade de conversar com vista à criação de vínculo com o aconselhando. A seguir, veremos algumas ideias de Clinebell sobre essa matéria.

Clinebell (1976) orienta os procedimentos ou atitudes durante a primeira sessão de aconselhamento:

1. Estabelecer o *rapport* como base para a relação terapêutica.
2. Escutar de forma disciplinada, bem como refletir sobre os sentimentos do aconselhando.
3. Adquirir uma compreensão aproximada do “marco de referência interna” da pessoa do aconselhando a partir do seu mundo pessoal.

4. Fazer um primeiro diagnóstico sobre a natureza do problema do aconselhando, ou seja, como suas relações estão fracassando para satisfazer as suas necessidades e quais são os recursos e limitações para fazer frente a sua situação.
5. Tendo como base esse primeiro diagnóstico, sugerir uma aproximação para dar ajuda.
6. Se houver a necessidade um aconselhamento continuado, proceder com a estruturação dessa relação de ajuda.

Para facilitar a expressão dos sentimentos do aconselhando, Clinebell (1976) faz as seguintes considerações:

1. Evitar muitas perguntas, mas fazer o mínimo requerido para obter apenas os dados essenciais.
2. Fazer perguntas sobre seus sentimentos, por exemplo: como se sente quando é ignorado?
3. Responder a sentimentos de conteúdos intelectuais.
4. Observar os caminhos que levam ao nível emocional da comunicação.
5. Estar particularmente alerta para descobrir sentimentos negativos.
6. Evitar tanto a interpretação prematura de como funciona a pessoa ou suas formas determinadas de sentir, como dar conselhos prematuros.

PROMOVENDO O DIÁLOGO COM O ACONSELHANDO

No aconselhamento, é fundamental ao conselheiro desenvolver a capacidade de promover o diálogo com o aconselhando. Portanto, saber ouvir e compreender é imprescindível para o bom exercício desta função. Clinebell (1976), citando Portes Filho, descreve cinco atitudes que possibilitam diferentes características de respostas do aconselhando para dar mais sensibilidade no trato com o aconselhando:

1. **Evolutiva** – uma resposta que indica que o conselheiro tem capacidade de fazer um juízo de relativa bondade, apropriação, efetividade e correção. Tem condição de compreender em certa forma *o que o aconselhando pode e deve fazer*; se há conseqüências grandes ou profundas.
2. **Interpretativa** – uma resposta que indica o intento do conselheiro por ensinar, por apresentar ou mostrar um significado ao aconselhando. *Tem compreendido de certa forma o que o aconselhando pode ou deve pensar*.
3. **De apoio** – uma resposta que indica que o conselheiro intenta assegurar, reduzir a intensidade emotiva do aconselhando (acalmá-lo). Possibilita, de certa forma, ao aconselhando sentir-se fora dessa situação de desequilíbrio.
4. **Indagatória** – uma resposta que indica que o conselheiro intenta obter mais informações, insistir na conversação, sobre uma linha determinada. Isso o faz chegar à conclusão de certa forma que o aconselhando deve ou pode se desenvolver, beneficiando mais acerca de um ponto determinado.

- 5. Compreensão** – uma resposta que indica que há a intenção do conselheiro em perguntar ao aconselhando se tem compreendido corretamente o que “disse”, como “sente” isto, como “impacta” nele, como o “vê”.

Aconselhamento, pois fazê-los de forma adequada é uma virtude indelével não só do conselheiro, mas também do capelão. Tamanha é a importância dessas duas habilidades que existe muita literatura especializada em psicologia, aconselhamento e capelania que versa sobre esses assuntos.

A seguir, apresentamos as ideias e a estrutura de um texto em espanhol de autoria de Faber e Shoot (1976) denominado “*Escuchar y responder em la conversación pastoral*”, que trabalha essas habilidades.

Para se desenvolver na área do aconselhamento cristão é imprescindível saber ouvir e responder ao aconselhando. Faber e Shoot (1976) observam inicialmente que o conselheiro deve desenvolver uma atitude de aceitação na relação, na mesma direção de Rogers (*apud*: FABER; SHOOT, 1976):

A relação conselheiro-aconselhando é um contato no qual a cordialidade de aceitação e a falta de coerção por parte do conselheiro permite o máximo de expressão de sentimentos, atitudes e problemas por parte do aconselhando... nesta experiência única de completa liberdade emocional, dentro de um marco de referência bem delimitado, o aconselhando está livre para reconhecer e compreender seus impulsos e padrões de consultas positivas e negativas como não poderia fazê-lo em nenhuma outra relação (p.199).

Nota-se que a própria relação entre o aconselhando e conselheiro é ponto importantíssimo no processo terapêutico. Nesse sentido, o método adotado por Rogers (*apud* FABER; SHOOT, 1976) é o não diretivo, segundo o qual compreende que o ser humano tem condições e possibilidades para enfrentar e desenvolver sua vida de forma equilibrada e saudável. Nesse particular, Faber e Shoot (1976) comentam:

[...] um dos aspectos mais importantes desse método é que o terapeuta deve ser não diretivo com respeito ao cliente. Somos de opinião de que devemos estar prevenidos desde o princípio que Rogers usa esta frase como marco de referencial da relação terapêutica. O que ele chama de não diretivo aponta aquelas escolas terapêuticas nas quais o terapeuta diagnostica e comunica interpretações de sintomas. Rogers rechaça uma relação na qual o aconselhando se transforma em um paciente, e assim se torna um objeto. Sobre essa base também rechaça uma relação na qual o psicoterapeuta “moraliza” e “dogmatiza”. O aconselhando deve seguir sendo responsável pela sua própria vida de maneira que não pode seguir nem um tipo de perguntas que passam pressionar ou formar, se não é uma maneira de direcionamento (p.199).

Nessa perspectiva, cabe ao conselheiro acolher a pessoa do aconselhando como um ser responsável, e não como objeto de sua “sabedoria”, uma vez que o próprio Deus em Cristo também acolhe a todos os seres humanos. Dessa maneira, o conselheiro cristão deve, como servo de Deus, também proceder. Contudo, Faber e Shoot (1976) ressaltam que esta aceitação não é o único elemento dessa relação.

Outra ideia que Faber e Shoot (1976) desenvolvem é a da reflexão dos sentimentos significativos. Para Rogers, cabe ao conselheiro proporcionar uma relação positiva. Para

isso, ele compreende que a reflexão é fundamental. Tal dinâmica é possível numa relação não diretiva em que aconselhando, numa relação de aceitação, desenvolve uma reflexão de significado de seus sentimentos, que tão somente nesse contexto, ou melhor, justamente, nesse contexto de aceitação faz toda a diferença. Nessa perspectiva assim entende Rogers:

na experiência terapêutica, um vê as suas próprias atitudes, confusões, ambivalência, sentimentos e percepções expressadas exatamente pelo outro; porém livre das próprias complicações emocionais, e, assim se vê a si mesmo objetivamente o que abre caminho para aceitação do seu eu, de todos aqueles elementos que agora se percebem claramente. Assim se avança no caminho da organização e do funcionamento mais integrado do eu (pp.120-121)

Associada a essas duas ideias está outra: a empatia. Faber e Shoot (1976) observam que “simpaticamente sintonizados nos sentimentos do nosso interlocutor. Com a ajuda de uma simpatia saudável projetamos sobre ele, e estamos particularmente preocupados com os seus sentimentos” (p.121).

Nesse sentido, ouvir e responder em uma relação de aconselhamento cristão deve passar por uma relação de aceitação, de uma significativa reflexão dos sentimentos e empatia. Tal ambiente, na compreensão de Rogers, proporciona as condições terapêuticas para que a pessoa veja suas reais condições e necessidades e possibilita ainda ao aconselhando seu desenvolvimento e crescimento saudável.

Brister (1980), ao tratar sobre a natureza do aconselhamento pastoral em sua obra “*El cuidado pastoral en la Iglesia*”, observa que há basicamente dois métodos: um diretivo e outro não diretivo. A seguir, transcrevo o diálogo entre os conselheiros e seus respectivos aconselhados como ilustração dos dois métodos. Vejamos o primeiro diretivo e o segundo não diretivo:

1. Aconselhamento diretivo

Sra. P: Olá, pastor. Desde muito tempo as coisas não vão muito bem em minha casa... (coloca-se muito sentida).

Pastor: Veja bem, estou seguro de que as circunstâncias não são tão mal como parecem ser, e estou seguro de que podemos ve-las melhor para ajudá-la à luz da Palavra de Deus.

Sra. P: Pastor, o senhor não sabe como é má a minha situação.

Pastor: Penso que você veio se socorrer em seu pastor, não é isso? Falemos agora sobre o seu problema abertamente e inicie desde o começo, Me diga tudo. OK?

Sra. P: Tenho tanta vontade de conversar com alguém...

2. Aconselhamento não diretivo

Sr. B: É como quando tive o acidente com o caminhão. Tudo de ruim me aconteceu, mas agora eu me sinto limpo. Quando sofremos nos eximimos de tudo que temos dentro de nós. Quando perguntaram se a minha perna estava quebrada, eu falei: “quebrada, quebrada,

quebrada”, e assim foi. Disselhes que o meu sofrimento tinha me feito sentir mais perto do céu. **Pastor:** Então, você sente que o seu sofrimento teve um propósito?

Sr. B: Na verdade, tenho uma vida muito dura. Eu não sei por que minha esposa age assim desta forma; logo agora que tenho tanta necessidade... estou só... ninguém se preocupa com a minha situação ... com algo que eu quero, mas só pensam em si mesmos. Ela acha que eu sou louco.

Pastor: Por que você acha que ela pensa isso?

Sr. B: Porque estive em um hospital psiquiátrico ... isso foi antes de casarmos... Segundo Brister (1980), no primeiro o conselheiro demonstra rigidez e controla o rumo da entrevista em cada momento, apesar de se esforçar por aparentar imparcialidade. Nota-se que ele não percebe a necessidade da aconselhanda. Contudo, o segundo conselheiro esforça-se em se aproximar e permanecer com os sentimentos do aconselhando, o qual expressa uma variedade de sentimentos, mas deles se destacam o de rechaço e dependência. Portanto, nesse segundo exemplo, observamos essa condição como sendo imprescindível para a criação de vínculo e entendimento do caso, pois o próprio aconselhando dá o tom, ou melhor, dá o significado para os seus sentimentos, bem como os temas que quer tratar; basta ao conselheiro estar atento.

O PERFIL DO CONSELHEIRO NO ACONSELHAMENTO CRISTÃO

O processo de aconselhamento cristão deve, portanto, estimular o desenvolvimento sadio da personalidade; ajudar as pessoas a enfrentar melhor as dificuldades da vida, os conflitos interiores e os bloqueios emocionais; auxiliar os indivíduos, famílias e casais a resolver conflitos gerados por tensões interpessoais, melhorando a qualidade de seus relacionamentos; e, finalmente, contribuir para a mudança dos padrões de comportamento autodestrutivos ou depressivos já internalizados.

O objetivo final é que os aconselhados cheguem à cura, aprendam a lidar com situações semelhantes no futuro e passem a enfrentar os seus problemas de forma coerente com os ensinamentos bíblicos. O papel do conselheiro cristão, nesse processo, é, em essência, o de levar as pessoas a terem um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, ajudando-as, assim, a encontrar perdão e a se livrar dos efeitos incapacitantes do pecado e da culpa.

Todas as técnicas de aconselhamento têm, pelo menos, quatro objetivos principais: levar a pessoa a crer que é possível obter ajuda; corrigir concepções equivocadas a respeito do mundo; desenvolver competências para a vida social; e levar os aconselhados a reconhecer o seu próprio valor como indivíduos. Para atingir esses propósitos, os conselheiros aplicam técnicas básicas como ouvir, demonstrar interesse, tentar compreender e, pelo menos eventualmente, dar orientação.

O cerne de toda forma de assistência genuinamente cristã, seja ela pública ou particular, é a influência do Espírito Santo. Na verdade, o que torna o aconselhamento cristão realmente

único é justamente a influência e a presença do Espírito Santo. É ele quem capacita o conselheiro, dando-lhe as características que o tornam mais eficiente no desempenho de sua tarefa: amor, alegria, paz, longanimidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Através da oração, meditação nas Escrituras, confissão regular dos pecados e renovação diária de seu compromisso com Cristo, o conselheiro cristão torna-se um instrumento por meio do qual o Espírito Santo pode confortar, ajudar, ensinar, convencer ou guiar outro ser humano. Jesus Cristo é o melhor modelo que existe de um “maravilhoso conselheiro”, cuja personalidade, sabedoria, conhecimento, amor, bondade e compaixão capacitavam-no a dar assistência efetiva aos necessitados. O conselheiro cristão, antes de mais nada, precisa ser um imitador do Senhor Jesus; alguém em quem habita o Espírito Santo; alguém que apresente, manifestamente, características do fruto do espírito; enfim, alguém que tenha um relacionamento de intimidade com o Deus Todo-Poderoso, que o capacite a ouvir e a obedecer as Suas orientações.

No caso do aconselhamento cristão não é diferente. O histórico de vida do conselheiro, com todas as experiências já vivenciadas na área em que está se dando o aconselhamento, ao lado do estudo detalhado de situações acompanhadas por outros conselheiros é uma ferramenta importante para uma boa condução do processo de aconselhamento.

Contudo, é preciso ressaltar que no mundo real, no início do seu ministério, o conselheiro poderá não ter uma gama tão variada de experiência com os diversos problemas humanos, bem como é forçoso reconhecer ser impossível a qualquer conselheiro, por mais experiente que seja, ter um domínio prévio sobre todo o tipo de situações que terá com que se deparar. Porém, isso não deve inibi-lo no seu mister, pois o estudo de casos na literatura especializada, mesmo concomitantemente ao processo de aconselhamento em curso, e a ajuda do Espírito Santo, poderão suprir a contento essa deficiência, quando não houver a possibilidade/disponibilidade de transferir o aconselhado para outro conselheiro, que tenha a experiência demandada.

conselheiro cristão precisa ter como propósito contínuo e fundamental do seu ministério a busca por sabedoria, vez que ela constitui a ferramenta de excelência, fundamental para o trabalho de aconselhamento. Não basta ao conselheiro ter um bom conhecimento das Escrituras e dominar bem as técnicas de aconselhamento. Para atingir um grau satisfatório de eficiência no aconselhamento cristão, o conselheiro precisa, acima de tudo, ter sabedoria para: identificar e aplicar adequadamente os princípios bíblicos no contexto das situações sob exame; formular as perguntas adequadas; avançar até o ponto desejado de extração de informações no timing correto; ponderar com eficiência todo o material trabalhado; e confrontar com delicadeza, quando for o caso, o aconselhado quanto aos padrões inadequados de comportamento frente aos princípios de Deus.

Frente a essa necessidade e a importância do seu trabalho para ajudar outras vidas a enfrentarem satisfatoriamente os seus problemas, o conselheiro cristão precisa estar

constantemente aos pés do Senhor para buscar sabedoria, ciente de que Ele a dá, liberalmente, a todos quanto a buscam com sinceridade, para realizar os Seus propósitos.

Uma característica que não pode faltar na vida do conselheiro cristão é a humildade, a consciência das suas próprias limitações. O princípio fundamental da sabedoria é ter o temor do Senhor, mas existe um outro muito importante que é ter um bom conhecimento de si mesmo, das próprias fraquezas e vulnerabilidades pessoais e das áreas de conhecimento que não se domina.

O conselheiro cristão tem de ter muito claro na sua mente que o seu ministério está focado em conduzir as pessoas a uma vida harmoniosa com Cristo e o próximo, em meio às dificuldades da vida diária e que, portanto, tem de discernir muito bem as suas limitações, de forma a não adentrar em áreas onde não está apto a oferecer ajuda. Isso se dá tanto em relação às áreas onde o próprio conselheiro enfrenta dificuldades na sua vida pessoal como em relação àquelas que demandam um conhecimento especializado, muitas vezes da medicina, ou uma experiência substancial que não se possui.

Outra característica relevante, que precisa integrar a personalidade do conselheiro cristão é a objetividade. Em nenhuma hipótese o conselheiro deve compartilhar os seus próprios problemas ou fraquezas pessoais com o aconselhando, vez que o conselheiro está ali para ajudar e não para resolver os seus próprios problemas, além do enorme potencial que tal atitude teria para induzir insegurança naquele que precisa ser ajudado, trazendo danos irreparáveis ao processo de aconselhamento.

Da mesma forma, é inegável que o excesso de envolvimento emocional pode fazer com que o conselheiro perca a dose de objetividade necessária, reduzindo a eficiência do aconselhamento, o que sugere que o conselheiro deve evitar aconselhar pessoas com as quais já tenha, previamente, fortes laços afetivos pessoais estabelecidos ou permitir, descuidadamente, que eles sejam desenvolvidos durante o processo de aconselhamento, principalmente quando o aconselhando está muito perturbado, confuso ou enfrenta um problema semelhante àquele que o próprio conselheiro está passando.

O conselheiro cristão, como o próprio nome sugere, deve ter muito bem internalizado que o seu manual essencial de trabalho é a Bíblia. Cristo é a verdade, o caminho e a vida, e é o Verbo, que é a Palavra e, portanto, o centro de todo o aconselhamento cristão.

Assim, é que o conselheiro cristão pode até utilizar técnicas variadas de extração de informações e de condução do processo de aconselhamento, mas os valores referenciais para o aconselhando, que nortearão todas as possíveis orientações a serem transmitidas, devem se fundamentar única e exclusivamente nos princípios bíblicos que tratam do assunto, examinados à luz da sua aplicação à nossa realidade contextual.

Assim sendo, o aconselhamento cristão só se torna factível e real quando existe um compromisso sincero com Cristo e o Espírito Santo está no comando e é o verdadeiro conselheiro, por trás do ser humano instrumentalizado para esse serviço. Só o Espírito Santo é capaz: de sondar o íntimo dos corações; revelar as verdadeiras causas dos problemas; e apontar a melhor orientação para cada caso.

1. Atualmente, estamos chegando à compreensão que o conselheiro cristão não pode ter apenas boa vontade, apesar de ser muito importante essa motivação. Ele tem que dispor de competências para exercer essa função que hoje está se constituindo imprescindível para a Igreja da atualidade. Liste dois procedimentos adequados do conselheiro em Aconselhamento que você julga necessário para o desempenho dessa atividade. Sua resposta tem que conter argumentos que acompanhe suas escolhas.
2. Nessa mesma direção, no que concernem as propostas e técnicas que vimos nesta unidade, relacione e discuta as propostas e técnicas de aconselhamento de Szentmartoni (1999) e Collins (1995) apontando sua importância para o aconselhamento cristão.
3. Nesta unidade, vimos que Szentmartoni (1999) lista aspectos distintivos da natureza do aconselhamento cristão. Dentre eles está este: “Limites da atuação e da atividade do aconselhamento cristão e suas interfaces com outras atividades de aconselhamento”. Diante disso, elabore um texto, 4 a 8 linhas, que ressalta a relação interdisciplinar entre os conhecimentos da Teologia e Psicologia, no que toca ao tema principal do aconselhamento cristão.
4. Saber conversar é uma necessidade pra todo e qualquer profissional na atualidade, contudo para o conselheiro é essencial. Se ele não sabe conversar não conseguirá desenvolver a sua função adequadamente. Contudo, para desenvolver uma conversa tecnicamente acertada é necessário que o conselheiro saiba ouvir e responder ao aconselhando. A partir das elaborações fundamentadas no texto intitulado “Escuchar y responder em la conversación pastoral” de autoria de Faber e Shoot (1976), discuta como proceder e a importância de se saber ouvir e responder do conselheiro ao aconselhando.
5. Quando estudamos a disciplina de Psicologia vimos os vários métodos de aconselhamento psicológico; naquela oportunidade ressaltamos dois métodos: diretivo e não diretivo. Nesta unidade esses métodos foram tratados de maneira bem prática. Cite, explique e exemplifique esses dois métodos objetivamente.

PERFIL E ATITUDES DO CONSELHEIRO CRISTÃO

Quando lançamos nosso olhar para a realidade humana e suas carências, ficamos cientes da enorme necessidade do papel do conselheiro cristão no contexto da Igreja tanto no sentido intraeclesial quanto extraeclesial. Hoje, mais do que nunca, a figura do conselheiro cristão é necessária e urgente. Contudo, nota-se

que ainda há a produção de literatura destinada ao grande público que continua a construir um perfil e um papel de conselheiro cristão que não atende às reais necessidades do nosso momento, como afirma Coelho Filho (2011):

Não basta dizer-se vocacionado para o ministério pastoral ou para o ministério do aconselhamento para ser bem-sucedido nestas atividades. Ser vocacionado não é uma garantia de que as coisas darão certo. Prova disso é o grande número de ministérios que dá errado e de igrejas com problemas muitas vezes causados por pastores. E, da mesma forma, de conselheiros que não conseguem ajudar as pessoas. Há algo mais além da chamada e da boa vontade em fazer a obra.

Contudo, antes de avançarmos na direção da apresentação do perfil e papel do aconselhamento cristão, faz-se necessário ressaltar algumas ações do conselheiro que demonstram equívocos nesse papel. A seguir, listamos os comportamentos, nessa área, que revelam inadequação, pautados em (WAGNER *apud* LINO, 1998):

- Visitar em vez de aconselhar, gerando confusão no momento da atuação de aconselhamento pastoral.
- Não possuir tempo disponível, podendo ser entendido pelo aconselhando como desinteresse de sua parte.
- Rotular em vez de respeitar a diferença é um equívoco que afasta e não possibilita novos encontros entre conselheiro e aconselhando.
- Condenar em vez de ser imparcial gera uma relação de desconfiança por parte do aconselhando, pois este se fecha e não fica disponível para a relação de aconselhamento.
- Querer resolver tudo em um só momento revela a ansiedade da relação entre conselheiro e aconselhando e, ainda, gera interpretações apressadas e cansaço, pois é comum delongar encontros.
- Ser diretivo por parte do conselheiro é uma atitude que revela uma concepção de negação das potencialidades do ser humano, as quais são fundamentais para agir de forma adequada e saudável por si só.
- Envolver-se emocionalmente com o aconselhando é a manifestação mais viva que o foco da relação terapêutica está equivocada e que se deve buscar ajuda. Cabe ao conselheiro também cuidar da sua saúde emocional buscando ajuda para si em um processo de aconselhamento individual onde deve tratar as suas próprias questões espirituais e emocionais; ou para quem lhe procura para ser ajudado. O conselheiro deve fazer uma análise honesta e serena quando não reunir as devidas competências para tratar o caso. Cabe, portanto, ao conselheiro buscar ajuda junto a outros conselheiros experientes, bem como outros profissionais da área da psicologia ou da psiquiatria para fazer supervisão ou para encaminhamento do caso atendido.

- Distanciar-se em vez de ter empatia, quando o conselheiro por algum conteúdo da relação com o aconselhando procede se distanciando quando deveria estar presente na relação como facilitador.

Não poderíamos deixar de expor uma lista do perfil ou atitudes do conselheiro cristão neste texto, contudo é salutar que registremos que há muitos perfis espalhados pelas literaturas especializadas na atualidade. Não tivemos pretensão de construir ou advogar determinadas atitudes, mas sim expormos de maneira básica ou fundamental algumas necessárias para a construção de um perfil de conselheiro que atenda as nossas necessidades hoje e que, do ponto vista didático, possibilite abrir discursos e reflexões sobre o trabalho do conselheiro cristão.

Nesse sentido, passo a transcrever um artigo de autoria de Coelho Filho (2011), que aborda o perfil e os atributos do conselheiro bíblico. Um trabalho expressivo, com um toque todo especial de sabedoria e com um bom suporte de fundamentação, informação e reflexão sobre o conselheiro cristão. Ainda é necessário registrar que tal transcrição sofreu, em alguns momentos, supressão ou acréscimo, contudo que fique também registrado que toda e qualquer interpretação do texto apresentado abaixo, resguardado o seu sentido original, é de inteira responsabilidade nossa.

Clinebell (2000) começa sua lista trazendo as ideias rogerianas, as quais são: congruência, calor humano não possessivo (solicitude e respeito pela pessoa) e compreensão empática, e, depois, apresenta mais três de sua autoria.

1. Congruência – significa que o conselheiro deve desenvolver autenticidade interior, integridade e abertura. Nesse sentido, deve proceder a comportamentos que expressem autenticidade e transparência. O oposto a essa característica é a impostura, “fazer de conta” e “fingir”. Sendo assim, compreende Clinebell (2000) que a pessoa que esconde seus reais sentimentos, mais cedo ou mais tarde perde a noção de muitos deles, produzindo pontos cegos emocionais, principalmente nas áreas de hostilidade, agressividade, sexualidade e carinho.

2. Calor humano não possessivo (solicitude e respeito pela pessoa) – é o equivalente humano à Graça de Deus em Cristo. Graça é o amor que não se precisa granjear, porque já está existente em um relacionamento. Segundo Clinebell (2000), “consideração positiva incondicional é uma mescla de calor humano, gostar da pessoa, preocupa-se com ela, interessar-se por ela, aceitá-la e respeitá-la”

3. Compreensão empática – significa entrar no mundo interior de significados e sentimentos profundos da pessoa, escutando com atenção e interesse. Clinebell (2000) observa, que uma das barreiras para o desenvolvimento da compreensão empática é o narcisismo defensivo, pois não permite olhar para o outro, mas apenas para si. Nesse sentido,

Clinebell (2000) em tom pastoral afirma: “a oração contínua do pastor-aconselhador poderia muito bem ser o verso de hino: ‘afasta de mim o obscurecimento de minha alma’”.

As outras três características, Clinebell (2000) acrescenta:

1. Uma robusta noção da própria identidade como pessoa - é quando o conselheiro desenvolve firmemente sua identidade e valor próprio, de sua personalidade e vida. É centrado. Certamente, observa Clinebell (2000, p.406), quando há essa condição, o conselheiro é capaz de responder com sensibilidade necessária às necessidades dos outros na medida em que possui esta consciência centrada de seu próprio valor e personalidade.

2. Sarador ferido - esta é uma expressão usada por Clinebell (2000) que evoca a atitude terapêutica descrita por Henri Nouwen. Essa atitude provém de uma consciência vivida de familiaridade com a doença, o pecado, a solidão, a alienação e o desespero da pessoa com distúrbio e, fundamentalmente, quando o conselheiro se coloca também nesse plano e reconhece a ação superior de Deus na vida daquela pessoa, pois ele mesmo (conselheiro) também é suscetível e frágil, necessitado. Por isso Clinebell (2000) afirma: “pela graça de Deus”, como afirmação de fé necessária para o exercício do aconselhamento cristão.

3. Vivacidade pessoal – essa característica é quando se mantém o vigor e a energia sempre presentes. Contudo, Clinebell (2000) destaca que tal atitude não é simples, mas necessita de aprendizado constante. Pois quando se fala em vivacidade, está se pensando naquela que é contagiante. Não é fácil manter essa atitude, lembra Clinebell (2000), ao solicitar ao leitor que observe o seu próprio comportamento após atender certas pessoas, como o conselheiro fica diferente; como a vivacidade interessada oscila.

Vejamos agora algumas atitudes necessárias ao conselheiro cristão, que são apresentadas por Coelho Filho (2011):

Primeiro: ele deve proceder sem preconceito quando aconselha

Pode ser que a pessoa aconselhada esteja em pecado e deva ser orientada quanto a isso, mas não compete ao conselheiro, como conselheiro, condená-la. No aconselhamento não se prega. Conversa-se e se mostra à pessoa a situação em que ela se encontra e as alternativas a tomar na sua vida. Em outras ocasiões, o conselheiro administrará conflitos de relacionamentos entre partes. Deve evitar se posicionar contra um ou contra outro. Ele deve ser uma ponte e não um juiz. Pode ser que a questão esteja bem clara e ele tenha uma posição bem definida, mas deve se lembrar que está ali para conciliar partes.

Já me aconteceu, em passado remoto, aconselhar um líder da igreja com problemas de drogas. No íntimo, por dentro, fiquei muito indignado com este comportamento vindo de um líder em que eu e a igreja confiávamos, *Perfil e Atitudes do Conselheiro Cristão* mas sabia que perderia a pessoa se manifestasse este sentimento. Ela já estava bastante frustrada e

envergonhada. Não manifestei minha postura de censura. Ela já sabia que estava errada. Tratamos de como superar a situação. Mostrei-lhe empatia.

A pessoa superou o problema e até hoje está na liderança (pedi permissão a ela para citar o evento, sem nomear e localizar, e ela me concedeu). Precisamos ter muita cautela e lutar para impedir que nossos sentimentos pessoais de aceitação ou rejeição nos levem a tomar atitudes que bloqueiem o processo de aconselhamento.

Segundo: ele deve evitar dar ordens

Inconscientemente, o conselheiro tem o desejo de dominar e exercer controle na vida da pessoa aconselhada. Até porque se sente em condições de orientar a outra parte. Nosso papel é levar a pessoa a ver a vontade de Deus para sua vida. E precisamos ser humildes para reconhecer que nem sempre a vontade de Deus é a nossa, como conselheiros. Podemos mostrar à pessoa as opções e as consequências das opções, mas deve ser deixada com ela a decisão a tomar. É assim que ela amadurecerá. Quando dizemos às pessoas o que fazer, elas criam dependência emocional. E isto não é bom. O conselheiro poderá dizer que executou bem sua função quando a pessoa chegar a um ponto em que o aconselhado não mais precisar dele como orientador. Essa ideia de “guru” ou de um mentor que tutoreia a pessoa por toda sua vida não é uma medida salutar. É antibíblica. Conforme Efésios 4.13, o exercício de dons na igreja é para que os crentes cheguem “ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.13). Conduzir alguém pela mão por toda a vida não faz desse alguém uma pessoa neste patamar de adulto em Cristo. Há muito manipulador querendo ser mentor.

Terceiro: o conselheiro deve cultivar objetividade e não ser envolvido emocionalmente

Não confunda as coisas nem tente fazer “pegadinhas”, dizendo que isto é o oposto da empatia mostrada como necessária. Terapeutas profissionais não devem aconselhar parentes ou pessoas a eles ligadas emocionalmente. Sua análise sempre será prejudicada porque terá envolvimento emocional. Há uma linha divisória entre empatia e envolvimento emocional. A empatia é produto da misericórdia cristã.

O envolvimento sucede quando o conselheiro se sente perturbado porque aquilo o atinge diretamente. Por vezes, ele está passando por um problema semelhante ao que a pessoa que lhe procura está passando e sente desnordeado, ou sem condições de fazê-lo. Não é errado um conselheiro ter problemas e passar por lutas, é preciso dizer neste contexto. O problema é quando o aconselhando está numa situação idêntica e o conselheiro sente que está sem condições.

A eficácia do aconselhamento, neste caso, será reduzida. Ao mesmo tempo, em contrapartida, o conselheiro poderá ver nesta situação como a pessoa está sofrendo. Mas sua orientação poderá ser apenas um reflexo do que ele faria. E as pessoas reagem de maneira diferente. O conselheiro poderá mostrar um caminho que ele tem condições de percorrer,

mas talvez a outra pessoa não tenha. Ele precisará refletir bastante, orar e ter humildade para, se for o caso, dizer à pessoa que naquele momento não poderá ajudá-la. Se tiver certeza de que estará mais capacitada exatamente por estar vencendo o problema, deve ajudar. Mas se estiver sendo abatida pelo problema, terá pouco o que dizer. E deverá ter a humildade de reconhecer isto.

Quarto: Saber filtrar o que está sendo dito

Nem sempre as palavras revelam. Por vezes mascaram. Para filtrar bem, o conselheiro precisa de um bom filtro (ou um coador). É oportuno lembrar que vivemos numa sociedade massificada pelo egoísmo e que as pessoas, em sua maior parte, têm motivações egoístas. Até mesmo na área espiritual. O conselheiro precisa ter um bom parâmetro para avaliar e orientar. Por exemplo: qual é a finalidade da vida? É a busca de felicidade? É o que as pessoas buscam e o que muitas pregações sinalizam. Mas é este o propósito de Deus para nós?

Um problema muito sério é que os crentes estão buscando felicidade, e não mais santidade, como se pudessem ser felizes à parte de sua comunhão com Deus. Com esta visão, a vida cristã passa a ser a busca de satisfação de necessidades pessoais (algumas irrelevantes e supérfluas). É um conceito mundano. Assim, o trabalho do conselheiro passa a ser mais o de um terapeuta secular, levando as pessoas a se aceitarem como são e a buscarem necessidades muitas vezes mundanas, que um servo cristão que ajuda os crentes na sua caminhada a uma vida mais profunda com Deus.

O conselheiro deve ter em conta que lidará com muitas pessoas que têm problemas por causa de necessidades que não devem ser atendidas.

Perfil e Atitudes do Conselheiro Cristão

[...] A atividade de aconselhar biblicamente não é a de dar pirulitos a crianças frustradas, mas ajudar as pessoas a entenderem o propósito de Deus para a vida delas. Há uma diferença enorme entre desejos e necessidades. É preciso saber a distinção entre os dois. E o conselheiro, algumas vezes, terá que levar a pessoa a entender isso [...]

Assim sendo, não se culpe se não vir resultado imediato ou se a pessoa custar a aceitar sua orientação. Sua missão não é produzir resultados, mas fazer o melhor que puder, na dependência do Espírito Santo. O resto compete a Deus, que fará a obra no tempo dele. Que sempre é o certo (pp. 5-9).

Certa vez ouvi de um dos meus alunos, em uma aula de aconselhamento pastoral, a seguinte afirmação: “o nosso problema, no aconselhamento, não é falta de conhecimento bíblico, mas falta de conhecer a pessoa do aconselhando, seu comportamento”. Essa afirmação remete sem dúvida aos conhecimentos de métodos e técnicas sobre o ato de aconselhar.

Tenho notado que o grande interesse das pessoas é como proceder quando alguém precisa de apoio, ou quando está em crise; diante de uma separação; perda pessoal; crise matrimonial ou como aconselhar toda uma família.

Hoje, temos um número considerável de literatura cristã que tem dado conta dessa demanda, lembro aqui alguns clássicos, como “Aconselhamento Cristão” e “Ajudando uns aos outros pelo Aconselhamento” de Collins; “Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento” de Clinebell e um dos textos mais recentes nessa área, do conhecido argentino psicólogo e pastoralista Schipani, “O caminho de sabedoria no Aconselhamento Pastoral”.

Diante disso, nesta unidade estaremos apresentando alguns dos temas em aconselhamento, bem como métodos e técnicas, que podem ser utilizados para o enfrentamento dessas situações. Aqui fizemos uma opção em trabalhar com as ideias e casos apresentados pelo conselheiro Clinebell em seu livro “Aconselhamento Pastoral”. Fizemos uma seleção de alguns temas e procedimentos sugeridos pelo referido autor, são eles:

- a) Aconselhamento de apoio.
- b) Aconselhamento em casos de perda pessoal.
- c) Aconselhamento em casos de crise matrimonial.

Esperamos que este texto não seja encarado como um receituário, mas como um guia introdutório teórico-prático para o enfrentamento dos temas abordados aqui.

Ao final de cada tema estudado, tem-se uma sessão denominada “Atividade de exercício prático de aconselhamento sobre o tema abordado”. O objetivo é bem simples, caro aluno, possibilitar uma reflexão ou prática para implementar os conhecimentos estudados. Essas atividades foram todas elaboradas a partir do livro “Aconselhamento Pastoral” de Clinebell (2000).

ACONSELHAMENTO DE APOIO

Apoio. Essa é uma palavra muito comum no meio cristão. Afinal as pessoas procuram as igrejas muitas vezes para enfrentar situações que as desestabilizam, pois se encontram atribuladas quer no âmbito pessoal, conjugal ou grupal. Diante disso, é fundamental que o conselheiro cristão desenvolva métodos e técnicas que possibilitem:

- a) Estabilidade.
- b) Alicerce.
- c) Alimento.
- d) Orientação.

Portanto, cabe ao conselheiro desenvolver naquele que procura ajuda as condições ou capacidades para enfrentar, manejando de forma adequada, os seus problemas e os seus

relacionamentos mais construtivamente, dentro dos limites que lhes são impostos pelos recursos de sua personalidade e pelas circunstâncias oferecidas.

No aconselhamento de apoio, o conselheiro faz uso de:

1. Orientação.
2. Informação.
3. Tranquilização.
4. Inspiração.
5. Planejamento.
6. Formulação de respostas e perguntas.
7. Encorajamento ou desencorajamento de certas formas de comportamento, as quais devem ser observadas de forma cuidadosa e muito atenta.

A seguir, vejamos sete procedimentos sugeridos por Clinebell (2000) para o aconselhamento de apoio:

- 1) **Satisfazer necessidades de dependências** – deve ser uma atitude que comunique solicitude a uma pessoa atribulada. Há muitas formas de satisfação de dependência:
 - a. confortar;
 - b. sustentar;
 - c. alimentar (emocional ou fisicamente);
 - d. inspirar;
 - e. orientar;
 - f. proteger;
 - g. instruir;
 - h. colocar limites seguros para evitar comportamento prejudicial à pró-pria pessoa ou a outras.
- 2) **Catarse emocional** – compete ao conselheiro realizar a aceitação dos sentimentos opressivos de uma pessoa, inicialmente. Quando uma pessoa se sente aceita pode liberar sentimentos que estão guardados e contidos em seu ser. Sentir que outra pessoa conhece sua dor interior e se importa com ela dá às pessoas atribuladas a força que provém do fato de terem suas vidas alicerçadas.
- 3) **Exame objetivo da situação de estresse** - quando as pessoas atribuladas são apoiadas, podem imprimir objetividade para ver seu problema a partir de uma perspectiva um tanto mais ampla e explorar alternativas viáveis. Podem tomar decisões mais sábias a respeito do que podem e devem fazer.
- 4) **Promover as defesas do ego** – há situações que podem desestruturar totalmente a pessoa, por exemplo, um acidente de carro em que essa pessoa foi a única sobrevivente, mas foi também justamente a culpada pela morte dos passageiros;

no momento do funeral, ela começa explicar que foi o outro motorista e não ela a culpada. Deve-se compreender que esse funcionamento, negando e projetando, é defensivo e que aos poucos, ao longo do tempo, deve-se trabalhar essa questão.

- 5) **Mudanças da situação de vida** – o conselheiro pode ajudar o aconselhando a fazer mudanças ou, se isso não for possível, providenciar para que sejam feitas nas circunstâncias (físicas, econômicas ou interpessoais) que estão produzindo distúrbios deliberados em suas vidas.
- 6) **Encorajar ação apropriada** – quando as pessoas estão aturdidas ou paralisadas por sentimentos de ansiedade, derrota, fracasso a autoestima prejudicada por uma perda trágica, é útil que o conselheiro prescreva alguma atividade que as mantenha em funcionamento e em contato com outras pessoas; um tipo de “tarefa para casa”. Por exemplo: leituras relevantes para o problema que a pessoa enfrenta.
- 7) **Usar subsídios religiosos** – oração, Bíblia, literatura devocional, a Ceia do Senhor etc, constituem valiosos recursos de apoio, que são características singulares do aconselhamento pastoral.

ATIVIDADE DE EXERCÍCIO PRÁTICO DE ACONSELHAMENTO DE APOIO

Orientações:

1. Você pode apenas refletir tentando visualizar toda essa situação proposta como cenas que aconteceriam e como você procederia na qualidade de pastor, por exemplo.
2. A proposta propriamente dita é você e mais duas pessoas ou com mais outras pessoas, fazerem uma dramatização ou teatralização. Os personagens são apenas dois. Você necessariamente tem que seguir as sugestões propostas para o exercício. Lembre-se de estudar e revisar os conteúdos e procedimento do aconselhamento de apoio.
3. Caso queira, faça uso de gravador para ouvir partes desta atividade de exercício prático de aconselhamento de apoio.

PAPEL DO ACONSELHANDO

Você é a Sra. V., uma viúva de 81 anos, acamada em consequências de uma queda que resultou na fratura de um punho e da clavícula. Você mora com seu filho e a esposa dele. Sua fé foi seriamente posta a prova por seu acidente. Você não pode compreender por que Deus parece tão distante. Muitas de suas amigas já morreram e você se sente extremamente solitária. Você sabe que pode não lhe restar muito tempo de vida (deite-se para assumir esse papel).

PAPEL DO PASTOR

Você é o pastor da sra. V. e ela é o membro mais velho de sua congregação. Você tem um sólido relacionamento pastoral com ela. Enquanto ela fala durante a visita, você percebe a oportunidade de fazer aconselhamento de apoio como parte de seu ministério *poimênico* para com ela. Enquanto você fala, fique atento aos sentimentos dela e faça com que ela saiba que você está consciente, refletindo o que você acha que ela está dizendo e sentido. Experimente os métodos de apoio descritos neste capítulo na medida em que sejam pertinentes. Seja sensível à possível presença de tensão entre os membros da família.

PAPEL DO OBSERVADOR-MONITOR

Sua função é ajudar a sra. V. e o pastor, aumentar sua consciência do que está ocorrendo entre eles e sua consciência do tom de sentimentos da relação de aconselhamento. Sinta-se à vontade para interromper o aconselhamento ocasionalmente a fim de dar sugestões de como ele poderia tornar-se mais proveitoso. Seja franco. Como observador você perceberá coisas importantes que eles talvez não vejam.

ACONSELHAMENTO EM CASOS DE PERDA PESSOAL

A perda pessoal é uma crise humana universal. O pesar está presente: em todas as mudanças, perdas e transições importantes na vida, não só por ocasião da morte de uma pessoa amada.

Diante das perdas que são as mais diversas, Clinebell (2000) propõe um esquema de cinco tarefas nesse processo e o tipo de ajuda que facilita a realização de cada tarefa:

TAREFA DE ELABORAÇÃO DO PENSAR	AJUDA NECESSÁRIA
1. Experimentar o choque, o entorpecimento, a negação e a gradativa aceitação da realidade de perda.	Ministério de solicitude e presença; ajuda prática e conforto espiritual.
2. Experimentar, expressar e digerir sentimentos dolorosos, por exemplo, culpa, remorso, apatia, raiva, ressentimento, anseio, desespero, ansiedade, vazio, depressão, solidão, pânico, desorientação, perda da identidade clara, sintomas físicos etc.	Ministério de apoio e escuta responsiva para estimular catarse plena.

3. Aceitação gradativa da perda e remontagem da vida da pessoa sem aquilo que se perdeu, tomando decisões e enfrentando a nova realidade desaprendendo antigas maneiras de satisfazer as próprias necessidades e aprendendo novos modos. Dizer adeus e reinvestir a energia vital em outros relacionamentos.	Ministério de apoio e escuta responsiva para estimular catarse plena.
4. Situar a perda da pessoa em um contexto mais amplo de sentido e fé; aprender com a perda.	Ministério de facilitação do crescimento espiritual.
5. Dirigir-se a outros que estão experimentando perdas semelhantes, para ajuda recíproca.	Ministério de capacitação para entrar em contato com outros.

É importantíssimo ressaltar que há perdas que podem ser difíceis de serem enfrentadas. A ambivalência é esperada, mas quando a pessoa continua, por exemplo, a superidealizar o falecido, está usando das defesas da negação e repressão. É necessário que a pessoa saiba entender os sentimentos reprimidos. Clinebell (2000) destaca alguns perigos:

- a) Retraimento cada vez maior de relacionamentos e atividades normais.
- b) Ausência de luto.
- c) Estado de luto que não tende a se amenizar.
- d) Profunda depressão que não desaparece.

Aconselhamento em Casos de Perda Pessoal

- e) Problemas psicossomáticos graves.
- f) Desorientação.
- g) Alterações na personalidade.
- h) Sentimentos de culpa.
- i) Indignação.
- j) Fobias muito fortes e que não tendem a desaparecer.
- k) Perda de interesse na vida.
- l) Fugas constantes por meio de drogas e álcool.
- m) Sentimentos de mortificação interior.

Por fim, é importantíssimo ressaltar que o pesar em si não é doença. Trata-se de um processo normal de cura; somente quando o pesar passa a ser um processo patológico é que requer aconselhamento ou psicoterapia especializada.

ATIVIDADE DE EXERCÍCIO PRÁTICO DE ACONSELHAMENTO DE APOIO

Orientações:

1. Você pode apenas refletir tentando visualizar toda essa situação proposta como cenas que aconteceriam e como você procederia na qualidade de pastor, por exemplo.
2. A proposta propriamente dita é você e mais duas pessoas, ou com mais outras pessoas, fazerem uma dramatização ou teatralização. Os personagens são apenas dois. Você necessariamente tem que seguir as sugestões propostas para o exercício. Lembre-se de estudar e revisar os conteúdos e procedimento do aconselhamento de apoio.
3. Caso queira, faça uso de gravador para ouvir partes desta atividade de exercício prático de aconselhamento de apoio.

PAPEL DO ACONSELHANDO

Se você teve uma perda dolorosa em sua vida dirija-se ao pastor, pedindo que o ajude. Ou procure mergulhar nos sentimentos de alguém que você conhece bem e que está em pleno processo de digerir uma perda grave. Desempenhe o papel daquela pessoa buscando a ajuda do pastor.

Ou você é Jane Carone, uma mulher de uns 45 anos, cujo marido Ricardo faleceu inesperadamente a 2 meses, de ataque cardíaco. Você sente profundamente a perda e acha quase impossível enfrentar contatos sociais, principalmente na igreja, onde vocês participavam ativamente como casal. Você se sente muito deprimida e gostaria de se esconder das pessoas.

PAPEL DO PASTOR

Utilize o que você aprendeu nesta unidade sobre a facilitação do trabalho de pesar, fazendo aconselhamento com um desses membros. Lembre-se da necessidade que a pessoa tem de ajuda por meio de tarefas específicas de trabalhar o pesar.

PAPEL DO OBSERVADOR-MONITOR

Interrompa a sessão periodicamente para fornecer ao pastor *feedback* sobre sua eficiência no processo de elaboração do pesar, principalmente no que tange à vazão de sentimentos inacabados.

ACONSELHAMENTO EM CASOS DE CRISE MATRIMONIAL

Principalmente no contexto religioso, o casamento é tido como uma benção para a vida amorosa e sexual do homem e da mulher. Contudo, o relacionamento no contexto conjugal não é tão simples assim, uma vez que quando homem e mulher se unem produzem uma identidade conjugal própria.

Segundo Clinebell (2000), o homem e a mulher se atraem porque cada um espera que o relacionamento satisfaça várias necessidades suas. Cada qual traz por dentro do casamento

uma constelação singular de necessidades da personalidade. Essas necessidades precisam receber o mínimo de satisfações, para que a pessoa seja capaz de satisfazer as necessidades do parceiro e dos filhos.

Collins (1995) observa que a origem dos problemas, do ponto de vista bíblico, é justamente quando o casal se afasta dos princípios bíblicos, os quais são transformados consequentemente em problemas conjugais. Vejamos alguns deles:

- a) Comunicação defeituosa – esta é uma das principais causas de discórdia conjugal. É quando um não consegue ouvir ou responder ao outro. E isso se dá pelas mensagens verbais e não verbais, em nosso dia a dia. Por exemplo, quando um marido que dizer “eu te amo”, para ele fazer isso é comprar um presente; mas sua esposa não o entende, pois quer ouvir literalmente as palavras de sua boca.
- b) Atitudes egocêntricas defeituosas – se aproximar de alguém é um risco. Há uma tendência de não nos abirmos para as críticas e uma possível rejeição quando permitimos que outra pessoa nos conheça intimamente, sinta nossa insegurança e perceba nossas fraquezas. É bem mais fácil fazer críticas ao outro do que aceitar ou reconhecer as atitudes defensivas e egocêntricas que estão provocando tensão.
- c) Tensão interpessoal – quando nos casamos, já temos um repertório de habilidades sociais desenvolvidas, pois temos duas ou três décadas de vida e já estamos bem “treinados” em um modo de vida, ou seja, em viver “solteiros”. Quando nos casamos, temos que interagir e buscar conviver com o outro, e aqui são fundamentais o entendimento e os processos de síntese para a construção madura de uma conjugalidade. Quando isso não ocorre e há má vontade por parte de um dos cônjuges certamente os problemas conjugais vão aparecer. Esses problemas muitas vezes se configuram nessas áreas: sexo, papéis no relacionamento, religião, valores, necessidades e dinheiro.
- d) Pressões externas – elas acontecem devido a pessoas ou situações, como:
 - Sogros e filhos que interferem no relacionamento.
 - Amigos que fazem exigências sobre o tempo do casal.
 - Crises que interrompem os relacionamentos familiares. ■ As exigências profissionais.
- e) Tédio – à medida que vão se passando os anos, os casais se estabelecem na rotina, acostumando-se um ao outro e sem perceber, caminham para a autoabsorção, autossatisfação e autopiedade, desaparecendo o prazer de viver a dois. Isso também é desestimulante e rotineiro. Os casais começam a buscar em outros lugares variedades e desafios.

Vejamos, a seguir, os objetivos do aconselhamento de crise matrimonial, conforme enumerado por Clinebell (2000), para ajudar os casais a aprenderem como fazer com que seus relacionamentos proporcionem maior satisfação mútua de necessidades, fomentando melhor seus crescimentos:

1. Reabrir suas linhas de comunicação bloqueadas e aprender habilidades de comunicação mais efetivas.
2. Interromper a escalada do ciclo autoperturbador de ataque mútuo e retaliação, desencadeado pela frustração profunda das satisfações mútuas de necessidade.
3. Se conscientizar dos pontos fortes e dos recursos não utilizados em si próprio e em seu relacionamento, os quais pode usar para efetuar mudanças construtivas em si próprio e em seu matrimônio.
4. Identificar áreas específicas em que crescimento e/ou mudança precisa acontecer na conduta de cada um, a fim de interromper sua crise e tornar seu casamento mais compensador de necessidades recíprocas.
5. Negociar e então executar planos viáveis e justos de mudanças, nos quais cada pessoa assume a responsabilidade de mudar a sua parte na interação entre os dois.
6. Experimentar o reavivamento da energia para mudança em esperança realista. Mudança construtiva gera esperança realista, e esperança gera mais mudança. São três as maneiras que se manifesta essa esperança no aconselhamento:
 - a. capacidade que o casal demonstra empaticamente de mudar e de crescer;
 - b. conscientização maior dos pontos fortes e dos seus recursos;
 - c. mudança de comportamento autolesivo dentro de si próprio e entre os dois.
7. Descobrir, explorar e até certo ponto exorcizar as raízes subconscientes ou inconscientes de imagens conflitantes do papel a ser desempenhado e de necessidades neuróticas aprendidas principalmente pelos pais. Lidar com fantasias, temores e raiva que comprometem o relacionamento. Pode haver necessidade de aconselhamento individual entre as sessões do casal.
8. Renegociar e revisar aspectos de maior importância na relação matrimonial que sejam injustos e/ou inviáveis.

Assim como é necessário que o conselheiro disponibilize técnicas e habilidades para conversar com o aconselhando, também é fundamental que o conselheiro de casal desenvolva também uma metodologia na primeira sessão para garantir o sucesso no processo de aconselhamento conjugal. Vejamos os seguintes procedimentos do conselheiro:

1. Comunicar calor humano, demonstrar solicitude e disposição para ajudar, bem como certificar o casal da validade de sua iniciativa de vir buscar ajuda.
2. Descobrir como cada um está se sentindo por se encontrar ali.
3. Ajudar a motivar o parceiro menos motivado, estabelecendo sintonia com o mesmo e despertando esperança realista de maior satisfação e menos dor no casamento.
4. Descobrir a quanto tempo a crise ou os problemas vêm se desenvolvendo.

5. Proporcionar oportunidade comparável para cada pessoa descrever os problemas do casal.
6. Após expressar a dor e o sofrimento, descobrir o que cada pessoa ainda aprecia no casamento e no outro; e quais os pontos fortes e os recursos potenciais que eles têm para fortalecer seu matrimônio pelo aconselhamento.
7. Fazer uma escolha provisória (com base nos pontos 2 e 4) entre tentar aconselhamento de curto prazo para crise matrimonial ou encaminhar o casal ao terapeuta conjugal.
8. Caso houver sinais de que o aconselhamento de curto prazo provavelmente será útil, pedir ao casal que venha a três ou quatro sessões adicionais para poder decidir sobre o encaminhamento.
9. Ajudar o casal a decidir e comprometer-se com certas tarefas a serem efetuadas em casa entre as sessões; alguma pequena ação construtiva que empreenderão no sentido de contribuir para que o quanto antes seu relacionamento se torne mais satisfatório reciprocamente.
10. Verificar e aceitar, perto do final da sessão, quais sentimentos negativos que possam ter.
11. Somente use da oração ou de outros recursos religiosos quando for claramente apropriado para o casal em questão.
12. Após a sessão, reflita sobre o que ficou sabendo e faça planos para tentar ajudar o casal; entre em contato com um colega aconselhador, caso a situação seja complicada ou confusa.

O trabalho com casais vai bem além da boa vontade ou de boa intenção. É necessário ter uma metodologia que contribua para a identificação precisa do que de fato tem gerado conflitos e problemas ao casal. A falta de comunicação é um dos primeiros sintomas: deixa de haver ou apresenta muitos ruídos, como se diz na linguística moderna. Vejamos, a seguir, duas propostas de intervenção em aconselhamento conjugal, uma elaborada por Clinebell (2000) e outra por Collins (1995).

A primeira proposta metodológica é de Clinebell (2000); ele a desenvolve no subitem denominado. “O método de relacionamento intencional ou método de matrimônio intencional”. Esse método tem quatro passos:

Primeiro passo:

Identifiquem e afirmem os pontos fortes do seu relacionamento, contemplando um de vocês a sentença: “*Em você eu aprecio...*” tantas vezes quantos puder.

A tarefa de quem ouve é receber esses atributos.

Após ambos ouvirem um ao outro, devem anotar tudo o que ouviram em um caderno denominado de crescimento.

Segundo passo:

Identifiquem a frente de crescimento da sua relação completando um de vocês a sentença: “*De você eu preciso...*” tantas vezes quantas quiser. Declarem suas necessidades/desejos correspondidos ou parcialmente correspondidos em termos de comportamento da parte de outro.

Depois de um completar a lista, o outro deve repetir o que ouviu, para garantir que as necessidades foram bem entendidas.

Depois que ambos declararam suas necessidades e verificaram o que um entendeu do que o outro disse, tirem um tempo para anotar as necessidades de cada um em seu caderno do crescimento.

Terceiro passo:

Aumentem intencionalmente a satisfação mútua do seu relacionamento e fomentem assim o seu amor, pela escolha de uma das necessidades de cada um (ou uma necessidade conjugal) a qual vocês corresponderão. Elaborem um plano concreto e viável, com uma programação cronológica, de corresponder a essas necessidades. Anotem também isso em seus cadernos de crescimento.

Quarto passo:

Executem o seu plano de mudança.

Depois escolham outro par de necessidades, elaborando e executando um plano de suprias intencionalmente.

Convém repetir o primeiro passo com regularidade ao colaborarem no sentido de fazer com que seu relacionamento faça mais jus as suas necessidades.

Anotem seu progresso em seus cadernos individuais de crescimento.

Por fim, é importante ressaltar que esse método pode ser aplicado não somente com casais, mas famílias, amigos, colegas e relacionamentos de equipe de trabalho, por exemplo. O objetivo é aumentar a satisfação mútua de necessidades e assim reduzir frustração e conflitos, como afirma Clinebell (2000).

Collins (1995) apresenta os procedimentos de aconselhamento conjugal que tanto o conselheiro pode utilizar quanto o aconselhando em seu livro “Aconselhamento Cristão”; esse método tem quatro estágios, denominadas respectivamente: início; manifestação de problemas básicos; desenvolvimento e aplicação de soluções e tentativas e final.

Vejamos: Estágio I – Início

Conselheiro:

- Atitudes cordiais e de aceitação.
- Mostrar confiança.
- Não fazer críticas.
- Ajudar a vencer os temores iniciais do aconselhando. Aconselhando:
- Contar suas razões iniciais para a procura de ajuda.

- Vencer seus medos e dúvidas relacionados a esta iniciativa.

Estágio II - Manifestação de problemas básicos

Conselheiro:

- Suscita questões ou faz comentários para estimular mais pensamentos.
- Esclarece tanto as questões como os sentimentos.
- Continua a dar apoio e encorajamento.

Aconselhando:

- Dar mais detalhes por meio da expressão de sentimentos e frustrações.
- Aprender a construir um relacionamento de segurança e confiança com o conselheiro.

Estágio III - Desenvolvimento e aplicação de soluções e tentativas

Conselheiro:

- Continua a dar apoio.
- Fica alerta quanto a novas informações.
- Encoraja e orienta na consideração de soluções e tentativas, tais como mudanças de atitude, modificação de comportamento, confissão, perdão, reavaliação das percepções etc.
- Guia e encoraja à medida que as soluções são tentadas, avaliadas e tentadas novamente.

Aconselhando:

- Aprender a formular.
- Agir com relação a...
- Avaliar soluções.
- Expressar frustrações e temores.
- Experimentar algumas vitórias.

Estágio IV - Final

Conselheiro:

- Encorajar a agir independente.
- Recapitular o progresso feito no passado.
- Expressar sua disponibilidade ao aconselhando caso necessário.

Aconselhando:

- Manifestar dúvidas e temores pelo término do aconselhamento.
- Reavaliar o progresso.
- Examinar seus recursos espirituais e pessoais.

PROPOSTA DE EXERCÍCIO PRÁTICO DE ACONSELHAMENTO DE APOIO

Orientações:

1. Você pode apenas refletir tentando visualizar toda essa situação proposta, como cenas que aconteceriam e como você procederia na qualidade de pastor, por exemplo.
2. A proposta propriamente dita é você e mais duas pessoas, ou com mais outras pessoas, fazerem uma dramatização ou teatralização. Os personagens são apenas dois. Você necessariamente tem que seguir as sugestões propostas para o exercício. Lembre-se de estudar e revisar os conteúdos e procedimento do aconselhamento de apoio.
3. Caso queira, faça uso de gravador para ouvir partes desta atividade de exercício prático de aconselhamento de apoio.

PAPEL DOS ACONSELHANDOS

Requer duas pessoas. Como casal, vocês estão experimentando doloroso conflito e frustração em seu relacionamento. Use um relacionamento com o qual um de vocês dois está bem familiarizado para definir a dinâmica dos papéis.

Procurem a ajuda de seu pastor.

PAPEL DO PASTOR

Utilize o que você aprendeu ao ler e refletir sobre esta unidade, Para fazer aconselhamento com este casal. Experimente a adaptação do MRI descrito para aconselhamento neste caso.

PAPEL DO OBSERVADOR-MONITOR

Procure dar ao pastor *feedback* sobre o quanto ele se concentra na interação do casal como diretriz primordial do aconselhamento.

FIM